



ATUALIDADES: ÁFRICAS EM MOVIMENTO(S)



A TURQUIA NA ÁFRICA SUBSAARIANA: UM ATOR EMERGENTE NA GEOPOLÍTICA REGIONAL

Por Frédéric Monié



Frédéric Monié
Programa de Pós-Graduação em Geografia
(PPGG), Universidade Federal do Rio de
Janeiro;
Coordenador/Pesquisador GeoÁfrica
orcid.org/0000-0002-8738-3301
fredericmonie@igeo.ufrj.br

Como citar
MONIÉ, F. A Turquia na África subsaariana: um
ator emergente na geopolítica regional. **Boletim
GeoÁfrica**, vol. 1, n. 1, p. 106-118, jan-mar 2022.

Resumo: *Ajuda humanitária, comércio, investimentos, cooperação para o desenvolvimento, segurança, cultura... Desde os meados da década de 2000, os sucessivos governos de Recep Tayyip Erdogan multiplicam as iniciativas de política externa destinadas a consolidar e expandir a influência turca no Mundo muçulmano sunita em geral, no Mediterrâneo oriental e, mais recentemente, na África subsaariana, região que se tornou a mais nova, e talvez mais promissora, fronteira da diplomacia da Turquia. A inúmeras visitas do presidente Erdogan à países do continente permitiram estreitar as relações nos campos da economia e da segurança, enquanto instituições paraestatais e privadas consolidam o projeto de soft power neo-otomano nesta região do Mundo.*



As ofensivas diplomáticas do governo turco

Depois de quase um século de relativo apagão diplomático, a partir da década de 1990 a Turquia demonstrou maior protagonismo diplomático em diversas regiões do mundo. No entanto, as investidas turcas na ex-Iugoslávia ou nas Repúblicas turcófonas da Ásia Central não se traduziram por uma real expansão da esfera de influência do país (Akgönük, 2015). Na década seguinte, o governo de Ercep Tayyip Erdogan, ainda na sua fase democrática, apostou, sem sucesso, numa adesão à União Europeia. O fracasso do líder turco provocou uma virada autoritária, conservadora e religiosa do regime (Akgönük, 2015). A partir de 2008, enquanto a retórica anti-Europa se tornava hegemônica, a política externa era radicalmente redefinida (Malagón Sotero, 2021) no sentido da construção de um projeto de potência regional afro-euro-asiática. Outra bifurcação na política externa de Erdogan é consequente da ruptura com a confraria de Fethullah Gülen, em 2013. A Confraria foi posteriormente acusada de fomentar a tentativa de golpe de Estado de julho de 2016. Desde então, um dos objetivos do governo consiste em eliminar a influência externa de Gülen, que dispõe de uma densa rede de estabelecimentos de ensino em diversos países, com destaque para o continente africano (Akgönük, 2015)

Os governos de Ercep Tayyip Erdogan e a África subsaariana

Nas duas últimas décadas, a Turquia manifestou um interesse econômico e geopolítico crescente para a África. Em 2005, proclamado “Ano da África”, Erdogan foi o primeiro líder da República turca a realizar uma visita oficial na África subsaariana, dando o pontapé a uma ofensiva diplomática e geopolítica na região. Em seguida, a Turquia foi admitida na União Africana como “país observador”. Na ONU, o governo turco passou a apoiar as posições políticas dos Estados africanos, que retribuíram votando a favor do ingresso da Turquia no Conselho de Segurança, como membro não permanente (Barthet, 2016).

Em 2008, 50 Estados africanos participaram da primeira cúpula Turquia-África em Istambul, que almejava aprofundar as relações de cooperação numa perspectiva de longo prazo, seguindo o modelo das cúpulas organizadas pela França e a China (Barthet, 2016; Malagón Sotero,



2021). A promessa de não ingerência nos assuntos políticos domésticos, que estrutura a retórica de parceiros “emergentes” da África (China, Rússia, Índia etc.) contribuiu para essa aproximação. A 2ª edição ocorreu em 2014, em Malabo, na Guiné Equatorial. A Declaração conjunta adotada na ocasião destacava a necessidade de aumentar os Investimentos Diretos Externos e de fomentar uma cooperação voltada para o Desenvolvimento econômico (Malagón Sotero, 2021).

A política externa “neo-otomana” de Erdogan se traduziu então por uma multiplicação das viagens oficiais, com destaque para a África ocidental, região cuja maioria da população é muçulmana sunita. O aprofundamento das relações e parcerias com os países da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) se tornou prioritário. Gana, Nigéria, Guiné-Conakry, Senegal, Costa do Marfim etc. receberam o líder turco, sempre acompanhado por empresários. No Chifre da África, Somália, Djibuti e Etiópia constituem peças fundamentais do “projeto africano” da Turquia. Na ocasião dessas viagens, dezenas de acordos comerciais bilaterais foram assinados.

Em outubro de 2021, a última visita do chefe de Estado à África o levou para Angola, Togo e Nigéria. Paralelamente, empresários africanos foram convidados a um Fórum econômico organizado em Istambul. Em dezembro, a 3ª Cúpula Turquia África reuniu, na mesma cidade, 13 chefes de Estados, dois primeiros-ministros e responsáveis de diversos países africanos, além de uma delegação da União Africana. A consolidação da cooperação nos campos do comércio, da economia, da segurança e da cultura constituiu o vetor das discussões e negociações. Num contexto de enfraquecimento político de Erdogan, que amargou uma forte desvalorização da moeda nacional e derrotas em eleições locais, além de reveses no campo diplomático, o presidente turco apostou na cúpula para abrir novas fronteiras de acumulação para os investidores nacionais.

As visitas do presidente Erdogan na República Democrática do Congo (RDC), no Senegal e em Guiné Bissau em fevereiro de 2022 se inscrevem no mesmo projeto de consolidação da cooperação nos campos da economia e da segurança com países que desejam diversificar seus parceiros internacionais.



Imagem 1. 3ª Cúpula Turquia/África. Istambul. Dezembro de 2021.



Fonte: © Anadolu Agency

Para legitimar seu crescente protagonismo na África, o governo turco recorre ao argumento do *ganha-ganha* (“win-win”), que garantiria ganhos econômicos para todos os parceiros. Os diplomatas ressaltam, também, que seu país não tem tradição imperialista, rejeita as representações orientalistas da África, comuns entre as ex potências coloniais, e lutaria contra as discriminações (Jégo, 2021; Dahir, Cismaan, 2021).

As relações econômicas Turquia-África

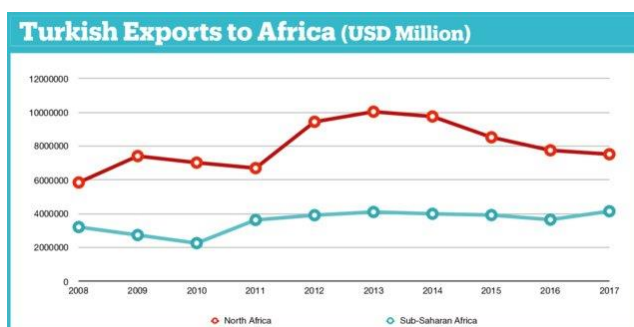
As ambições africanas da Turquia são econômicas. As guerras no Oriente Médio diminuíram os fluxos comerciais infra regionais. A deterioração das relações com os Estados Unidos, a União Europeia, a Rússia, a Arábia Saudita e o Egito, estimularam o país a buscar novas frentes de acumulação fora de suas áreas de mercado e investimentos tradicionais. A África despontou então como uma fronteira para o capitalismo turco.

Entre 2003 e 2020, o volume anual das trocas comerciais passou de 5,5 para 25,3 bilhões de dólares. O dinamismo do comércio foi estimulado pelo crescimento das economias africanas, pelo surgimento de uma nova classe média no continente e pela demanda por *commodities* por parte da Turquia (petróleo, gás natural, minérios etc.). A indústria turca oferece bens cujos preços são inferiores aos praticados pelos Europeus e de uma qualidade globalmente melhor do que os produtos chineses (Jégo, 2021). Por sua parte, os investidores privilegiam setores intensivos em

mão-de-obra, como a construção civil e de infraestruturas de transporte. Por essa razão, as firmas turcas figuram entre as que mais empregam entre as empresas estrangeiras operando na África (Malagón Sotero, 2021). Vale ressaltar que a estrutura da pauta comercial exemplifica a permanência da tradicional inserção dos países africanos na Divisão Internacional do Trabalho como importadores de manufaturados e de serviços e exportadores de bens não processados

A multiplicação de acordos de cooperação e a instalação de uma rede de representações comerciais contribuiu para o desenvolvimento das relações econômicas, comerciais e dos investimentos. No entanto, até o presente momento, somente 6,5 bilhões de dólares foram investidos por empresas turcas (Jégo, 2021).

Gráfico 1. Exportações turcas na África – 2008/2017



Fonte: Dahir (2019)

Os interesses geoestratégicos da Turquia na África

Os interesses geoestratégicos da Turquia também são prioritários, pois o país busca ampliar sua esfera de influência na África subsaariana. As viagens de oficiais turcos e a inauguração de trinta e sete escritórios militares estimulam a cooperação securitária e as exportações de material bélico.

A Somália funcionou como um laboratório da política africana da Turquia. Após a queda do regime de Siad Barre, o país participou da missão da ONU em 1991. Em 2011, num contexto de caos e fome, o governo turco enviou uma importante ajuda humanitária (Dahir, Cismaan, 2021). O presidente aproveitou a ocasião para visitar a Somália. Desde então, a Turquia estreitou suas relações com o governo legal de Mogadíscio. Ankara inaugurou uma embaixada. Em 2017, a



Turquia instalou uma base militar em Mogadíscio considerada estratégica para projetar sua potência naval no Oceano Índico e no Mar Vermelho.

Imagem 2. Camp TURKSOM - Somália

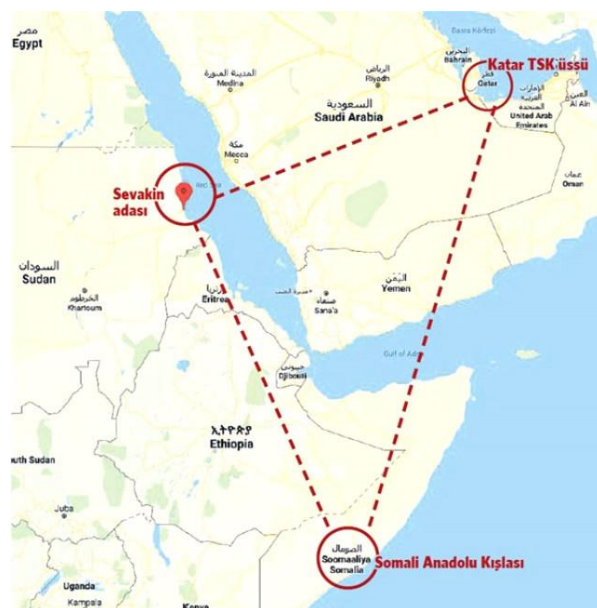


Fonte: <https://www.tesfanews.net/turkey-opens-military-base-in-somalia/>

Firmas turcas abriram estradas, construíram um hospital em Mogadíscio e modernizam o porto da capital (Dahir, Cismaan, 2021). Ou seja, a Turquia promove a imagem de uma potência regional participando da política humanitária internacional e de projetos de desenvolvimento, num país muito pobre e geopoliticamente instável.

Por que a Somália? A situação geográfica do país do Chifre da África possibilita o controle de rotas marítimas estratégicas, ao lado de potências rivais como a Arábia Saudita. O relativo abandono da Somália pelas empresas e governos ocidentais também serviu os interesses da Turquia que, a partir do “laboratório” geoestratégico somaliano, consolidou sua influência geopolítica na região. Em 2017, o governo turco assinou, com o Sudão, um acordo visando a restaurar a ilha de Suakin e a reconstruir seu porto, graças a financiamentos qataris. Domínio otomano até o início do Século XX, Suakin era um porto de embarque de peregrinos do Sahel a caminho de Meca (Topchi. 2017). Na atualidade, a possibilidade de instalação de uma base turca num sítio localizado frente ao porto saudita de Jeddah, suscita resistências por parte dos rivais árabes controlando o Mar Vermelho: Egito, Emirados Árabes Unidos e, sobretudo, Arábia Saudita.

Imagem 3. Projeção da potência turco-qatari no Mar vermelho



Fonte: Topchi (2017)

112

A Turquia não dispõe de recursos financeiros comparáveis aos rivais da Península Arábica para financiar seus projetos geopolíticos e geoestratégicos no Chifre da África. Porém, sua aliança com o Qatar, baseada na proximidade ideológica e religiosa entre os dois regimes e num projeto comum de contenção do expansionismo saudita, confere coerência e eficiência ao protagonismo neo-otomano na região. Do ponto de vista simbólico, instalando-se a proximidade de Meca, a Turquia firma-se, em parceria com o Qatar, como ator central do combate ao wahabismo.

No Sahel, uma das áreas mais militarizadas do mundo, a influência da Turquia se expande gradualmente numa região onde a França participa de operações de guerra e de iniciativas de manutenção da paz, financia a luta contra o terrorismo, equipa e forma as forças armadas de inúmeros países, garante sua influência mediante acordos de defesa e a presença de bases militares etc. No coração do “arco de crises” saheliano, onde a intervenção militar francesa revela-se cada vez mais inoperante diante da expansão dos grupos terroristas e da intensificação das violências intercomunitárias, o crescente sentimento anti francês entre as populações locais e as frustrações dos governos nacionais estimulam a busca por soluções geopolíticas alternativas. Consequentemente, a diplomacia turca enfrenta a resistência da ex-potência colonial e de seus



aliados que consideram que seus interesses estratégicos serão cada vez mais contestados pela Turquia (e pela Rússia) no futuro.

Mesmo se, até o presente momento, a diplomacia turca aposta sobretudo no *soft power* religioso e nas parcerias econômicas e comerciais, observamos uma intensificação das relações bilaterais no campo da defesa. Em 2020 foi, por exemplo, assinado um acordo de defesa entre a Turquia e o Níger, cujo conteúdo permanecerá secreto até o primeiro trimestre de 2022. Estima-se que o fechamento da base francesa de Madana tenha por consequência a instalação de uma base turca a médio prazo. No Togo, a modernização das forças armadas está atualmente em curso. Paralelamente, vários países africanos estão adquirindo material bélico turco, em particular os drones armados Bayraktar TB2, produto de ponta da indústria armamentista turca cuja venda é acompanhada pela formação de militares locais ao uso desta tecnologia. Etiópia, Angola, Chade e Togo são hoje os principais importadores de armas fabricadas na Turquia.

Para além das iniciativas bilaterais, a Turquia participou de operações de manutenção/construção da paz em países geopoliticamente conturbados (República do Congo; Mali; Darfur ou Sudão do sul) fornecendo recursos financeiros e/ou soldados (Malagón Sotero, 2021). A abordagem cooperativa multilateral se manifestou também pelo apoio ao Acordo de Paz e Reconciliação assinado em Argel em 2015 entre os beligerantes do conflito malinense e por aportes financeiros à força G5 do Sahel que combate o terrorismo na tríplice fronteira do Mali, Burkina Fasso e Níger.

O *soft power* religioso na África subsaariana

A cooperação religiosa é também considerada estratégica para o processo de expansão da influência turca. Instituições estatais e privadas dão prioridade à África ocidental, onde a maioria da população é muçulmana sunita. Os países do Sahel constituem espaços de rivalidades entre países muçulmanos que investem no *soft power* religioso para desenvolver sua influência na região. A Turquia, ao lado do Qatar, busca limitar a influência da Arábia saudita e da doutrina wahabita, graças a implantação de associações, ONGs ou fundações próximas da corrente conservadora da Irmandade muçulmana, melhor aceita pelas elites regionais que o protagonismo



antissistema dos salafistas. A construção da potência turca exerce-se, também, através da construção e/ou da restauração de mesquitas e escolas corânicas (*madrassas*), em países como Níger, Burquina Faso, Mali, Gana ou Djibuti (Jégo, 2021).

Desde 2010, a Direção dos Assuntos Religiosos (Diyanet) é um ator central da promoção da influência religiosa turca. Por sua parte, a Fundação Maarif foi criada para assumir a rede de escolas da confraria de Fethullah Gülen, acusada de ter fomentado a tentativa de golpe de Estado de julho de 2016. A gestão de 175 escolas, distribuídas entre 25 países, constitui, a longo prazo, um poderoso instrumento a serviço da formação das elites africanas, apesar da qualidade do ensino prestado ser hoje contestada. Enfim, o governo turco organiza e financia peregrinações de atores do islã local na Turquia, além de atrair jovens imames e teólogos africanos nas universidades de Istambul e Ankara.

Instrumentos a serviço da expansão da influência turca na África subsaariana

114

Para promover e defender seus interesses, a Turquia pode, em primeiro lugar, contar com uma densa malha de representações diplomáticas. O número de embaixadas nos países da União Africana passou de 12 em 2008 para 43 em 2021. Paralelamente, 37 embaixadas africanas funcionam em Ankara contra 10 em 2008.

Imagem 4. Embaixadas turcas em países a União Africana - 2021



Fonte: African Business, março 2021

115 O governo turco pode, também, contar com o protagonismo de um conjunto de instituições estatais e privadas que se tornaram atores centrais na cooperação bilateral entre a Turquia e países africanos.

Tabela 1. Instituições turcas mais atuantes na África subsaariana

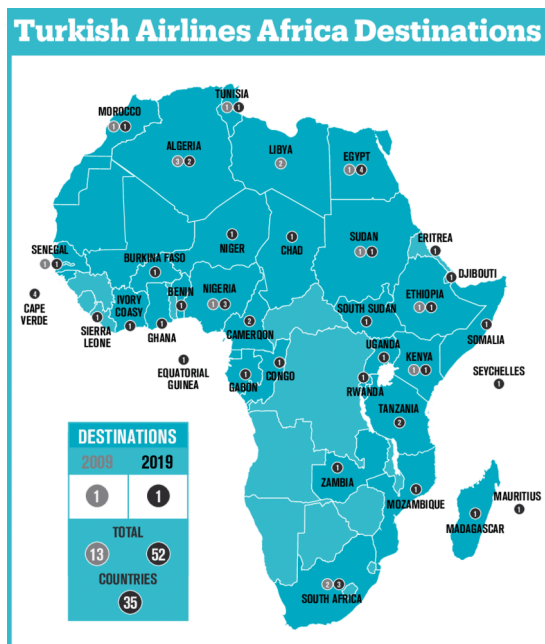
Nome	Natureza	Atuação	Países/ regiões
Agência turca de cooperação e de Coordenação (TIKA)	Agência de cooperação	Projetos de desenvolvimento; saúde; educação; patrimônio religioso; desenvolvimento rural etc.	22
Fundação para os Direitos Humanos e Ajuda Humanitária (IHH)	Organização humanitária	Serviços à população (saúde etc.)	41
Crescente vermelho turco	Organização humanitária	Serviços à população (saúde etc.)	Sahel
Agência Turca de Prevenção de Catástrofes e Gestão de Riscos (AFAD)	Agência de cooperação	Gestão de riscos e prestação de serviços à população (saúde etc.)	Sahel
Direção dos Negócios Religiosos (Diyanet)	Agência de cooperação	Construção e manutenção de patrimônio religioso	África ocidental
Fundação Islâmica Maarif	Fundação estatal	Gestão de estabelecimentos escolares (175)	25

Fontes: diversas. Elaboração: Frédéric Monié



Por sua parte, a estatal Turkish Airlines adensa sua malha aérea no continente, abrindo novas escalas ou consolidando as rotas existentes através do aumento das rotações. 61 cidades africanas de 35 países recebem hoje voos da companhia contra 4 em 2008.

Imagem 5. Malha aérea da Turkish Airlines na África



Fonte: Turkish Airlines

Mesmo se o peso econômico e a influência geopolítica da Turquia na África subsaariana permanecem, com exceção da Somália, relativamente marginais, a diplomacia turca se beneficia da contestação crescente da política externa francesa, da proximidade religiosa com as populações e as elites políticas, da qualidade e do preço de bens de consumo adaptados à demanda de consumidores em países dos Suls, além do projeto imperial neo-otomana do presidente Erdogan que almeja posicionar estrategicamente a Turquia no jogo de xadrez da geopolítica africana.



Referências

AKGÖNÜK, Samim. Ce que cherche Recep Tayyip Erdogan em Afrique. **Orient XXI**, janeiro de 2015, <https://orientxxi.info/magazine/ce-que-cherche-recep-tayyip-erdogan-en-afrique,0800> Consultado em 27/01/2021.

BARTHET, Elis. La Turquie, puissance montante en Afrique. **Le Monde**, 04/04/2016. (Consultado em 26/12/2021)

DAHIR, Abdinor; CISMAAN, Sakariye. Turkey in Africa: A Decade of Turkish Aid and State-Building in Somalia. **Policy Outlook**, TRT World Research Center, 2021

DAHIR, Abdinor. Reconsidering Turkish Foreign Policy towards Sub-Sahara Africa: Rationale and Mechanisms. **Policy Outlook**, TRT World Research Center, 2019.

JEGO, Marie. À Istanbul, um sommet pour accentuer la percée turque en Afrique. **Le Monde**, 16/12/2021. (consultado em 28/12/2021).

LE CAM, Morgane. L'influence croissante de la Turquie au Sahel suscite l'inquiétude. **Le Monde**, 05/08/2021. (consultado em 26/12/2021).

MALAGÓN SOTERO, Laura. Política da Turquia na África Sub-Sahariana. São Paulo, **Monitor do Oriente Médio**, 2021.

TOPCHI, Ali. Why is Sudan's Suakin island important for Turkey? **TRT World**, 26/12/2017. <https://www.trtworld.com/turkey/why-is-sudan-s-suakin-island-important-for-turkey--13630> (consultado em 27/12/2021)